

# O Pecado Demonstra os Atributos de Deus

Kyle Baker

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto / [felipe@monergismo.com](mailto:felipe@monergismo.com)

Todas as coisas acontecem com um propósito. Cremos num Deus soberano que decreta todo o curso da criação para sua glória e para o bem dos eleitos. Jó diz sobre Deus: “Bem sei que tudo podes, e nenhum dos teus planos pode ser frustrado” (Jó 42:2). Isaías registra o Senhor dizendo: “Desde o princípio anuncio o que há de acontecer e desde a antiguidade, as coisas que ainda não sucederam; que digo: o meu conselho permanecerá de pé, farei toda a minha vontade” (Isaías 46:10). Se todas as coisas têm um propósito, então até mesmo o pecado deve ter um propósito. Hoje buscaremos descobrir algum propósito de Deus para o pecado.

Rm. 3:3-8 E daí? Se alguns não creram, a incredulidade deles virá desfazer a fidelidade de Deus? De maneira nenhuma! Seja Deus verdadeiro, e mentiroso, todo homem, segundo está escrito: PARA SERES JUSTIFICADO NAS TUAS PALAVRAS E VENHAS A VENCER QUANDO FORES JULGADO. Mas, se a nossa injustiça traz a lume a justiça de Deus, que diremos? Porventura, será Deus injusto por aplicar a sua ira? (Falo como homem.) Certo que não. Do contrário, como julgará Deus o mundo? E, se por causa da minha mentira, fica em relevo a verdade de Deus para a sua glória, por que sou eu ainda condenado como pecador? E por que não dizemos, como alguns, caluniosamente, afirmam que o fazemos: Pratiquemos males para que venham bens? A condenação destes é justa.<sup>1</sup>

Nas palavras de Paulo, vemos certa dica para o propósito do pecado. Ele diz que pela injustiça do homem pecador, a justiça de Deus é demonstrada. Uma palavra não é somente definida pelo que ela é, mas também pelo que ela não é. Por exemplo, um livro são algumas páginas de palavras ou figuras encadernadas. Contudo, adicionalmente, um livro não é somente algumas páginas de palavras ou figuras encadernadas, mas ele não é uma caneta, não é uma mesa, não é uma cadeira, não é um cachorro, etc. John Robbins declara que “toda palavra tem um significado definido. Para ter um significado definido, uma palavra deve não apenas significar algo, mas também não significar algo. A palavra linha significa linha, mas também não significa não-linha – cachorro, nascer do sol ou Jerusalém, por exemplo” (prefácio do livro *Lógica*, de Gordon H. Clark).

Para melhor definir uma palavra ou pensamento, uma palavra ou pensamento oposto fornece uma grande quantia de informação. Para definir “quente”, pode-se dizer

---

<sup>1</sup>Todas as referências bíblicas são da *Almeida Revista e Atualizada*, do CD-Rom Bíblia Online — Módulo Avançado 3.0 (São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil).

que quente é “não frio”, ou o oposto de frio. Para definir “comprido”, pode-se dizer que comprido é “não curto”. Para melhor definir “justiça”, pode-se dizer que justiça é “não injustiça”. É melhor não somente mostrar com o que justiça se parece, mas também mostrar com o que injustiça se parece contrastada com justiça.

Dessa forma, a pecaminosidade do homem, suas perversões, suas mentiras e seu egoísmo – tudo isso – ajudam a demonstrar a justiça de Deus. Paulo diz que “nossa injustiça traz a lume a justiça de Deus” (v. 5) e que “por causa da [nossa] mentira, fica em relevo a verdade de Deus” (v. 5). Descobrimos então um propósito para o pecado – mostrar a justiça de Deus.

Pode ser dito também que o pecado demonstra a justiça<sup>2</sup> de Deus. A justiça de Deus é manifesta em seus julgamentos contra o pecado. A justiça está intimamente relacionada à lei, e Deus julgará os homens de acordo com o que eles fizeram, quer bom ou mal (2Co. 5:10). O julgamento requer que haja um certo e um errado; um bom e um mal. Isso não é somente verdadeiro no julgamento de Deus, mas pode ser visto também no tribunal de justiça humano. O juiz no tribunal usa a lei para determinar quem está certo e quem está errado. Da mesma forma, Deus usará sua santa lei para determinar quem está certo e quem está errado. Isso, certamente, requer que haja um errado. Justiça e julgamento requerem que haja pecado contra o qual será trazido justiça e julgamento.

Davi diz no Salmo 51:4 que Deus é “justo no... falar e puro no... julgar”. O Senhor Jesus Cristo sentará em seu trono julgando as nações. Nisto ele certamente será glorificado, e sua retidão na justiça e no julgamento serão feitos conhecidos a todos os que estiverem diante dele. Sem o pecado ocasionando a necessidade dessa cena, não haveria nenhum julgamento e a justeza de Deus não seria demonstrada a toda criação com tal glória impressionante.

Após o julgamento vem também a punição. Deus pune a iniquidade, tanto nesta vida como na vida porvir. Ele faz isso para demonstrar sua ira e o seu poder.

Ex. 9:14-16 – “Pois esta vez enviarei todas as minhas pragas sobre o teu coração, e sobre os teus oficiais, e sobre o teu povo, para que saibas que não há quem me seja semelhante em toda a terra. Pois já eu poderia ter estendido a mão para te ferir a ti e o teu povo com pestilência, e terias sido cortado da terra; mas, deveras, para isso te hei mantido, a fim de mostrar-te o meu poder, e para que seja o meu nome anunciado em toda a terra.

Ex. 10:1-2 – “Disse o SENHOR a Moisés: Vai ter com Faraó, porque lhe endureci o coração e o coração de seus oficiais, para que eu faça estes meus sinais no meio deles, e para que contes a teus filhos e aos filhos de teus filhos como zombei dos egípcios e quantos prodígios fiz no meio deles, e para que saibais que eu sou o SENHOR”.

---

<sup>2</sup> Nota do tradutor: Do inglês *justice*, usado aqui no sentido de julgar, fazer justiça. Quanto à justiça (*righteousness*) mencionada anteriormente, a mesma diz respeito à retidão, virtude, ser justo, etc. Nas versões em português da Bíblia, encontramos justiça na maioria dos versículos que trazem *justice* ou *righteousness* nas Bíblias inglesas, em cujo caso precisamos analisar o contexto para descobrir o significado da palavra.

O tratamento de Deus com Faraó, e com o Egito como um todo, teve o propósito específico de mostrar o poder e a ira de Deus. Paulo cita essa mesma passagem em Romanos 9 e continua para dizer que Deus demonstra sua ira e poder sobre os vasos de ira, preparados para a destruição (Rm. 9:22). Paulo aplica o exemplo de Faraó a todos os réprobos. Pode-se dizer que Faraó é um tipo dos réprobos. Cada pecador reprovado tem um propósito, e esse é glorificar a Deus no pecado. Sem o pecado, essa glória de poder e ira não seria manifesta. Sem o pecado de Faraó e dos egípcios, Deus não teria proclamado seu nome tão maravilhosamente por toda a Terra.

Certamente, nem todos que cometem pecado serão punidos dessa forma. Nesses – os eleitos – a misericórdia de Deus é demonstrada. Paulo diz que “Deus a todos encerrou na desobediência, a fim de usar de misericórdia para com todos” (Rm. 11:32). O pecado e a desobediência não somente trazem castigo ao réprobo, mas também misericórdia aos judeus e gentios eleitos. Misericórdia pode ser definida como ser bondoso e perdoador para com alguém que é merecedor do contrário. O pecador em e de si mesmo merece ter a ira de Deus derramada sobre ele, todavia, Deus é misericordioso em não contar (imputar) esses pecados contra o eleito.

Tito 3:5 – “Não por obras de justiça praticadas por nós, mas segundo sua misericórdia, ele nos salvou mediante o lavar regenerador e renovador do Espírito Santo”.

O tratamento bondoso de Deus para com o eleito não é sobre a base de suas obras, mas de acordo com a misericórdia de Deus. Essa misericórdia não pode ser demonstrada tão vividamente sem ter algo sobre o que ser misericordioso – a saber, o pecado. Paulo diz que Deus “nos libertou do império das trevas e nos transportou para o reino do Filho do seu amor, no qual temos a redenção, a remissão dos pecados” (Cl. 1:13-14). Não pode haver nenhuma misericórdia sem transgressão; nenhum perdão sem pecado.

A paciência de Deus está intimamente casada com sua misericórdia.

1Tm. 1:15-16 – “Fiel é a palavra e digna de toda aceitação: que Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal. Mas, por esta mesma razão, me foi concedida misericórdia, para que, em mim, o principal, evidenciasse Jesus Cristo a sua completa longanimidade, e servisse eu de modelo a quantos hão de crer nele para a vida eterna”.

A despeito da alegação de Paulo dele ser o principal dos pecadores no mundo, Deus mostrou uma paciência misericordiosa para com ele, de forma que o Senhor Jesus Cristo pudesse demonstrar sua paciência. Por paciência quer-se dizer que Deus não fulmina o pecador onde ele está, mas espera o momento certo para regenerar o filho de Deus – trazê-lo ao conhecimento de sua salvação em Cristo. Pedro diz que “não retarda o Senhor a sua promessa, como alguns a julgam demorada; pelo contrário, ele é longânimo para convosco, não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento” (2Pe. 3:9). O contexto dessa declaração é que alguns incrédulos estavam zombando dos cristãos por Cristo não ter destruído ainda o ímpio. A paciência de Deus refreia a segunda vinda, de forma que todos os eleitos possam chegar ao arrependimento, e nem um sequer deles se perder. Essa paciência não seria necessária

nem seria tão maravilhosamente demonstrada se não houvesse nenhuma razão para a paciência de Deus. Se não houvesse um dia de julgamento se aproximando rapidamente, no qual a ira de Deus será derramada para retribuir o pecado, a paciência de Deus não desfrutaria nenhuma visibilidade.

A longanimidade de Deus não é demonstrada somente sobre o eleito, mas também sobre o réprobo. Paulo declara que: “Deus, querendo mostrar a sua ira e dar a conhecer o seu poder, suportou com muita longanimidade os vasos de ira, preparados para a perdição”, e ele fez isso “a fim de que também desse a conhecer as riquezas da sua glória em vasos de misericórdia” (Rm. 9:22-23). É aparente, então, que o pecado do eleito bem como o pecado do réprobo demonstram e exaltam a paciência de Deus. Sem pecado, a paciência de Deus não seria tão glorificada.

Difícilmente existe uma palavra mais doce do que “graça” aos ouvidos de um cristão regenerado. Graça é uma palavra muito significativa porque resume a forma como Deus trata conosco. Graça pode ser definida como favor desmerecido. Ele é desmerecido porque somos pecadores. O fim merecido do pecado é a morte eterna; o pecador merece a condenação eterna pelos seus pecados. Deus, em sua misericórdia, escolhe fazer com que alguns escapem dessa condenação pela pessoa e obra de Jesus Cristo. Adicionalmente, Deus considerou que essas mesmas pessoas não deveriam ser apenas limpas de todo mal que praticaram, mas que também deveriam ser exaltadas a uma posição de serem co-herdeiros com o próprio Senhor Jesus Cristo (Rm. 8:17). Ir ao mais profundo, às mais profundas depravações do pecado para compartilhar a justiça do próprio Deus – isso é graça!

Rm. 5:20-21 – “Sobreveio a lei para que avultasse a ofensa; mas onde abundou o pecado, superabundou a graça, a fim de que, como o pecado reinou pela morte, assim também reinasse a graça pela justiça para a vida eterna, mediante Jesus Cristo, nosso Senhor”.

Onde o pecado cresce, a graça abunda ainda mais! Literalmente lemos isso: “onde o pecado abunda, a graça SUPERABUNDA [*hyperperisseuo*]!” O pecado do eleito é o meio pelo qual Deus mostra sua graça superabundante. Mais pecado é igual a mais graça. João diz que “a graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo” (João 1:17). A obra do Senhor Jesus Cristo e tudo da graça que flui dela para o eleito é exatamente como a graça tem superabundado em face da nossa pecaminosidade.

Paulo é cuidadoso em seguir essa declaração com uma advertência que, embora a graça superabunde onde o pecado cresce, não devemos pecar propositalmente. “Que diremos, pois? Permaneceremos no pecado, para que seja a graça mais abundante?” (Rm. 6:1-2). E mais adiante ele diz: “E daí? Havemos de pecar porque não estamos debaixo da lei, e sim da graça? De modo nenhum!” (Rm. 6:15). Deus ordenou que não pequemos, mas sabemos que quando pecamos a graça superabunda ainda mais. O cristão não segue a lei de Deus para evitar o castigo, mas segue para mostrar seu amor por Deus (João 14:15).

Assim, até aqui já vimos que o pecado é necessário para demonstrar a retidão de Deus; sua justiça; sua ira; seu poder; sua misericórdia; seu perdão; sua paciência e

longanimidade; sua graça; e por último, mostraremos que o pecado é necessário para mostrar o amor de Deus.

Certamente, muitos dos atributos mencionados anteriormente também mostram o amor de Deus. Contudo, especificamente, o amor de Deus é demonstrado na condescendência do Senhor Jesus Cristo em viver entre os homens. O amor de Deus é demonstrado em Cristo ter obedecido perfeitamente ao Pai. O amor de Deus é demonstrado em Cristo ter sido pendurado e amaldiçoado num madeiro, de forma que pudesse ser um substituto pelos seus irmãos amados, no lugar dos quais ele foi golpeado. João diz que “nisto se manifestou o amor de Deus em nós: em haver Deus enviado o seu Filho unigênito ao mundo, para vivermos por meio dele” (1 João 4:9). Pela obra do Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus é demonstrado.

O nosso Senhor teria sido tão maravilhosamente exaltado, se não fôssemos pecadores miseráveis? Que obra ele teria vindo cumprir? Por que o Pai teria se AGRADADO em esmagar seu próprio Filho, exceto por ele ter se tornado nosso pecado? Teria o Pai razão para afligir o Cordeiro perfeito de Deus, se ele não tivesse sido manchado pelos nossos pecados? Esse momento pelo qual toda a criação foi feita não teria ocorrido sem o pecado planejado dos eleitos. “Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores” (Rm. 5:8).

No final das contas, o pecado do homem é o meio pelo qual a glória de Deus é demonstrada. Imagine uma tela branca de justiça na qual Deus pinta sua justiça branca. Dificilmente alguém poderia distinguir o branco brilhante da tela à parte do branco brilhante da tinta. Imagine agora uma repulsiva tela preta de injustiça, sobre a qual Deus pinta sua bela justiça branca – mais brilhante que o próprio sol. O preto da injustiça e o branco da justiça criam um contraste no qual a glória de Deus se torna óbvia para o observador. O pecado é a tela no qual Deus pinta os seus justos atributos. A santidade é exaltada sobre a impiedade; a justiça sobre a injustiça; a pureza sobre a depravação.

Antes de sua morte, Cristo disse “é chegada a hora de ser glorificado o Filho do Homem” (Jo. 12:23). Ele orou para que o Pai o glorificasse, de forma que ele pudesse glorificar o Pai (Jo. 17:1). A glória de Jesus Cristo está em sua pessoa e obra, que foram demonstradas perfeitamente sobre a cruz. A cruz seria desnecessária à parte do pecado.

Fazemos bem em reconhecer o propósito do pecado, na demonstração dos atributos gloriosos de Deus, como necessário. Contudo, fazemos bem em reconhecer também, como Paulo o fez, que não devemos pecar propositalmente. Além do mais, Isaías adverte: “ai dos que ao mal chamam bem e ao bem, mal; que fazem da escuridade luz e da luz, escuridade; põem o amargo por doce e o doce, por amargo!” (Is. 5:20). O pecado é mal, e Deus nos ordena a não pecar. Portanto, devemos nos esforçar para ser sem pecado, tão fútil como isso possa ser. Há uma linha tênue entre ser grato a Deus pelo PROPÓSITO do pecado em glorificar a Deus e, todavia, sentir tristeza e arrependimento pelos ATOS de pecado que praguejam nosso andar diário.

Sem dúvida um assunto controverso como esse levantará perguntas ainda mais controversas. Aqui estão umas poucas para se pensar:

- 1) Na mente de quem o propósito para o pecado foi concebido?
- 2) O que veio primeiro na mente de Deus: o propósito para um evento ou o próprio evento?
- 3) Deus foi surpreendido pelo pecado de Adão?
- 4) O que veio primeiro: a decisão de Deus de glorificar a si mesmo em Cristo, ou o primeiro pecado do homem?
- 5) Adão poderia ter escolhido não comer da árvore proibida?
- 6) Quem criou o mal?

Fonte (original): <http://www.bornfromabove.com/>